

LEMBRAR PARA NÃO ESQUECER: REMINISCÊNCIAS DE UM PROCESSO EM CURSO

Giani Rabelo

Cheguei a Lisboa com meu filho Renan, um lindo adolescente de 15 anos, em meados de dezembro de 2017. Meu marido tinha ido semanas antes e estava nos aguardando. Ele já estava um pouco ambientado com a nova morada, apesar de ser um apartamento de um quarto (T1), em um prédio bastante antigo. Era tão grande o seu entusiasmo, que nas mensagens escritas e em áudios no *WhatsApp* ele só nos dizia: “*Lisboa por si só se basta!*”. O prédio onde moramos e os demais da região são dos anos 1800. Em um mapa de época, já aparece a Rua dos Prazeres, que fica nas imediações da famosa Rua São Bento, entre o Parlamento e a estação de metro¹ Rato. Um local muito próximo ao centro histórico de Lisboa. Conseguimos alugar esse apartamento antes de virmos a Portugal, por meio de um contato que nos foi passado por um amigo que já tinha vindo em 2017.

Vimos para permanecer por oito meses e para fazer nossos pós-doutorados: eu na área da História da Educação, na Universidade de Lisboa, e meu marido na área de História Econômica, na Universidade de Coimbra. Nosso filho ficou conosco apenas durante as férias escolares, pois não quis deixar a

¹ Estação de metro em Portugal, que fica no Largo do Rato. Metrô para nós brasileiros.

escola e os amigos no Brasil. Concordamos com a decisão dele; afinal, fazer o pós-doutorado foi um projeto nosso (meu e de meu marido) e não dele. Nesse caso, ele poderia voltar e ficar sob os cuidados dos meus pais. Foi a melhor escolha, pois no final das férias ele já estava muito entediado e não via a hora de voltar para a casa. Tenho outra filha, mas ela já está mais independente e, como está trabalhando, não pôde vir nos visitar.

Vou contar um pouco de minha experiência vivenciada em Lisboa, ou seja, de dezembro (2017) a março (2018), pois em abril fomos morar em Coimbra. Iniciei a escrita deste texto quando estávamos na estação de comboio² Santa Apolónia esperando o Alfa Pendular para Coimbra, em uma situação, no mínimo, engraçada! Além da greve dos comboios e, por isso, da redução de horários, estávamos nos sentindo como retirantes, cheios de malas que mal conseguíamos carregar. Ainda bem que um rapaz com o seu cãozinho amigo nos ofereceu ajuda em troca de algumas moedas. Tudo o que tínhamos estava nas quatro malas grandes, duas pequenas (além de outras duas grandes que já estavam em Coimbra na casa de um casal amigo) e mais duas mochilas. Havia de nossa parte também, é claro, muita expectativa em relação à nova morada. Tomamos a decisão de mudar de cidade por dois motivos: aluguéis mais baratos e proximidade com a Universidade de Coimbra, mesmo sabendo que eu teria que viajar semanalmente e/ou quinzenalmente para Lisboa. Mas, nada mais justo para os dois, quatro meses em Lisboa e outros quatro em Coimbra.

Morar em Lisboa, ter o convívio com os lisboetas e com a universidade foi uma experiência intensa e difícil de exprimir nestas poucas páginas, mas vou tentar trazer para esta narrativa aquilo que mais me marcou, que mais significou. No início, tudo era novo, apesar de eu já “conhecer” a cidade e a universidade. Visitar é uma coisa, morar é bem diferente. Uma estada prolongada como essa nos permitiu conhecer tudo com mais calma e apreciar essa linda cidade, que, no seu passado, viveu desgraças com o terremoto de 1775, seguido de um maremoto e incêndio e que foi reerguida pelo controverso Marquês de Pombal. Seu encanto foi e continua sendo forjado na composição de um mosaico do qual fazem parte seus moradores locais

2 Estação de trem para nós brasileiros.

e imigrantes, ruelas, monumentos, museus, teatros, jardins, parques, lojas, edificações antigas, o famoso pastel de Belém e tantos outros doces maravilhosos, bacalhau, cafés, restaurantes e, como não poderia faltar, o lindo Rio Tejo e a monumental Ponte 25 de Abril, denominação que veio em substituição à denominação Ponte Salazar, com a queda da ditadura do Estado Novo. O cair da tarde de domingo nas margens do Rio Tejo, nas imediações da Torre de Belém e no monumento Padrão do Descobrimento, com o olhar voltado para a Ponte 25 de Abril e para o Cristo Rei, além da companhia de algumas gaivotas, é uma paisagem que enche os olhos de qualquer um.

Durante minha estada em Portugal, decidi ter um diário que é meu confidente. Nele escrevo “tudo” o que considero ser mais importante. Já tenho esse hábito há algum tempo; costumo fazer isso nas pequenas viagens que realizamos. No caso dessa, foi com o objetivo de eternizar este momento da minha vida, pois tomar a decisão de deixar o meu querido país, que está passando por momentos bem difíceis, além da minha família, dos amigos e da nossa casa, não foi nada fácil, principalmente quando feito isso aos 50 e poucos anos de idade. E, ainda, quando feito no final de ano, abrindo mão de passar o Natal e a entrada do Novo Ano com a família. O jeito foi comer um prato de bacalhau e o bolo rei no Natal, que aliás é uma delícia, e participar dos *shows* na virada do ano na Praça do Comércio, mesmo sem muita vibração e alegria. Nós, brasileiros, temos uma coisa que é só nossa: alegria e espontaneidade. Penso que os portugueses, pelo menos os lisboetas, perderam um pouco disso. Os imigrantes e os chamados “retornados” vibravam muito mais, principalmente os africanos.

Nos primeiros dias da nossa estada em Lisboa, senti uma espécie de explosão de emoções, não conseguia nem dormir. Estudar, pesquisar ou ficar na rua para conhecer tudo, eis a questão! A gente ficava se cobrando muito: se ficasse na rua, não estaria estudando; se ficasse estudando, não estaria conhecendo a cidade. Além disso, vinha um sentimento de que tínhamos que aproveitar tudo, não deixarmos nada para trás. O nome disso, até agora, não consegui descobrir. Só sei que nos causou uma ansiedade muito grande. Mas, felizmente ou infelizmente, com o passar dos dias, o encantamento com a cidade foi diminuindo na medida em que fomos nos tornando parte do lugar e ganhando familiaridade. A cidade foi se tornando mais real e menos espetacular. Engraçado quando começamos a dar informações para os que

chegavam, para os “perdidos”, pois ficávamos nos sentindo o máximo. Mas, antes disso, foi preciso errar muito para acertar. Perguntar é sempre o indicado, e os lisboetas são ótimos em dar as informações, em ajudar quem está chegando – pelo menos foram em nossa experiência. Além disso, contamos com muitos brasileiros em vários cantos daquela cidade e daquele país.

O lado cultural de Lisboa é intenso. Além dos museus, há uma infinidade de eventos bem em conta ou até gratuitos. Claro que para nós tudo é caro, principalmente quando um euro equivale a quatro reais. A gente tenta não converter, mas nem sempre é possível. Ainda bem que na condição de estudantes temos descontos em quase todas as entradas dos museus. Os lugares mais interessantes que visitei foram a Cinemateca Portuguesa e o Museu da Liberdade e da Resistência (Museu do Aljube). Na Cinemateca, além de poder assistir aos filmes por um valor muito baixo e como estudantes mais ainda, tomamos algumas “imperiais”³ e visitamos a livraria várias vezes. O engraçado é que sempre víamos praticamente o mesmo público, um povo mais descolado, ou seja, os cinéfilos, apesar de eu não me considerar uma. Assistir a filmes coloridos, que ficavam mais coloridos naquela grande tela, ganhou um ar de coisa *vintage* ou até retrô (nunca sei muito a diferença!). No Museu do Aljube, minhas emoções afloraram. Além de ser um museu novo e moderno, fundado em 2015, apresenta o lado triste e desumano da ditadura Salazar (aliás, não existe ditadura melhor ou pior, basta ser ditadura!). Senti-me emocionada várias vezes e identifiquei-me com aqueles e aquelas que foram vítimas de prisão e tortura, principalmente com as mulheres que passaram por tanta dor e humilhação.

Nosso país e muitas de nossas cidades, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, não deixam por menos, mas Lisboa tem seu charme. Além disso, representa nossa raiz europeia associada à nossa raiz africana. Mas, como em alguns países europeus que conheço, as pessoas negras continuam fortemente presentes nas atividades braçais. Dito de outra forma, no trabalho mais precarizado.

Mesmo com a desigualdade social, que é inerente ao capitalismo, pode-se caminhar sozinho à noite com tranquilidade ou usar o metrô. Talvez isso seja um dos pontos que tenha atraído muitas pessoas da classe média brasileira para Portugal. Pelas notícias e programas de televisão, pude perceber

3 Chopp.

nitidamente esse movimento. A classe social que contribuiu para o grande retrocesso social no Brasil é a mesma que veio morar em Portugal em busca de segurança. Algo, no mínimo, questionável. Pior é ouvir alguns com complexo de “vira-lata”, dizendo que em Portugal (Europa) tudo funciona. Certamente funciona, mas tudo é pago e, além disso, qualquer coisa que se compra tem nota fiscal (até um cartão postal), assim se pode dizer que a sonegação é quase zero. Os sonegadores brasileiros são os primeiros a dizer que em Portugal tudo funciona e que no Brasil só existe violência e corrupção.

Do ponto de vista acadêmico, posso dizer que minha pesquisa, com o plano de trabalho intitulado “Políticas públicas e experiências portuguesas voltadas para a preservação do patrimônio histórico educativo: avanços e impasses”, está caminhando muito bem. Sou movida pelo objetivo de conhecer o trabalho que está sendo feito em Portugal pelo poder público e pelas escolas. Resumidamente: visitei museus pedagógicos, núcleos museológicos, bem como arquivos históricos escolares. No trabalho de campo, pude conhecer o Museu Escolar localizado na Freguesia de Marrazes, no Concelho de Leiria, e fiquei surpresa ao saber sobre a forma como surgiu, a partir da iniciativa de algumas professoras de uma escola, bem como sobre a dimensão que ele foi tomando na região nos últimos anos. Visitei também alguns antigos liceus em Lisboa, nomeadamente o Passos Manoel, o Amália Vaz de Carvalho, o Camões e o Pedro Nunes (atualmente denominados Escolas Secundárias). Pude também conhecer outros museus na Espanha, como os museus pedagógicos da Universidade de Huelva e da Universidade de Sevilla.

Na realização da pesquisa, estou me pautando em três questões: Que políticas públicas têm sido implementadas pelo governo português para a salvaguarda e a preservação do Patrimônio Educativo das escolas? Que iniciativas governamentais e não governamentais estão sendo colocadas em prática para sensibilizar e auxiliar as unidades escolares no processo de preservação de seus arquivos? Como as unidades escolares têm participado do processo de preservação de seu patrimônio?

Depois desse percurso, mesmo tendo outros espaços a visitar nos próximos quatro meses, pretendo me dedicar à escrita a partir das entrevistas e das observações realizadas. Meu objetivo não é realizar um estudo comparativo entre Portugal e Brasil, mas fazer algumas aproximações, realizar alguns

diálogos a fim de fortalecer o trabalho que estamos realizando em meu grupo de pesquisa.

Durante a minha estada em Lisboa, também tive a oportunidade de realizar, de forma oficial, um estágio no Arquivo Nacional na Torre do Tombo (ANTT), no Laboratório de Conservação e Restauro. Fui muito bem acolhida e trago comigo grandes conhecimentos que enriquecerão o trabalho que estamos realizando nas escolas de nossa região. Tive a oportunidade de conhecer todo o percurso realizado pelos documentos, desde o momento em que chegam, na forma de doação ou de aquisição, até o momento em que são disponibilizados aos pesquisadores, digitalmente ou na forma impressa (original). Tenho a certeza de que o mais importante que restaurar um documento é tomar todos os cuidados para a sua preservação, dando-lhe suporte para que sobreviva por mais tempo e seja disponibilizado para investigadores, o que, nesse caso, é a missão do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Na Universidade de Lisboa, participei de alguns seminários investigativos, palestras, mesas-redondas e reuniões do grupo de pesquisa, que foram coordenados pela professora Dra. Maria João Mogarro que, por sinal, me recebeu muito bem e me foi fundamental, dando-me dicas importantes para o desenvolvimento da minha investigação.

A experiência acadêmica está sendo ótima, talvez com um pouco de estranhamento ainda com relação à estrutura curricular da pós-graduação, que é diferente da nossa, como também com o tal Acordo de Bolonha e as mudanças na relação das graduações/licenciaturas e os mestrados em boa parte dos cursos. Em Portugal, para estar em sala de aula, em qualquer nível, é preciso ter o mestrado. Em geral, as licenciaturas são realizadas em três anos e o mestrado em dois. O mestrado assume mais uma função de especialização profissional, sem abandonar a pesquisa.

Do ponto de vista pessoal, nesses quatro meses, posso afirmar que foi uma experiência repleta de desafios, de dor (e muito frio!!!), mas de muita aprendizagem e superação. Estar longe do nosso país, da nossa casa, dos nossos filhos, de nossos pais e irmãos, de nossos sobrinhos e amigos e lidar com algumas perdas a distância representa ter que lutar todos os dias contra a saudade e contra o vazio que às vezes aparece com muita força. É impossível, em determinados momentos, evitar perguntas como: *"Mas o que é que*

eu vim fazer aqui mesmo? Será que precisava tudo isso?''. No *lattes*, não tem espaço para esses sentimentos. Ainda bem que a nossa vida vale mais que um *curriculum vitae*.

Termino este texto com uma profunda tristeza, mas com uma forte esperança! MARIELLE PRESENTE e LULA LIVRE!

Coimbra, 9 de abril de 2018.